



TERRITÓRIO SAGRADO E INVASÃO BIOLÓGICA NA MATA ATLÂNTICA: ESTUDO DE CASO NO VALE DO CÓRREGO DOS COLIBRIS, NITERÓI, RJ

Joyce de Melo Silva¹, Ana Angélica Monteiro de Barros¹, Davi Nepomuceno da Silva Machado², Letícia da Rocha Caires¹, Laís da Silva Cunha¹, Luiz Paulo Martins de Moraes¹, João Luiz de Lima Baeta Neves¹, Juliana Riane Chagas da Silva¹

1-Departamento de Ciências, Faculdade de Formação de Professores/UERJ, joycedemelosilva@gmail.com

2-Escola Nacional de Botânica Tropical, JBRJ

Palavras-Chave: Espécies exóticas, representações simbólicas, plantas ritualísticas.

INTRODUÇÃO

O conceito de território é amplo e estudado de forma interdisciplinar. Para Santos (1978) definir espaço e território é uma tarefa árdua, pois cada categoria possui diversas acepções, recebe diferentes elementos, de forma que toda e qualquer definição é mutável e permite mudanças. Nessa concepção, o território é formado no contexto de importantes aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais entrelaçados em virtude do movimento da sociedade no decorrer dos diversos momentos históricos e do desenvolvimento das técnicas de trabalho. No âmbito religioso, o conceito de território sagrado está relacionado às figuras religiosas ou entidades da natureza. Cada cultura possui sua ligação com o sagrado e muitas delas possuem lugares onde esse sagrado se manifesta ou pode ser cultuado através de rituais. Religiões indígenas e de matriz africana possuem forte ligação com a natureza e seus elementos, quando estes estão relacionados à fé. (SCHLÖGL et. al., 2010). Muitas das espécies que compõe a flora do Brasil foram incorporadas aos rituais de matriz africana pelos escravos a partir do século XVI e outras foram trazidas da África e demais regiões do mundo (PIRES et al., 2009). Uma vez que essas religiões têm profunda ligação com a natureza como um todo, trazer consigo sementes e propágulos de plantas que eram cultuadas em seus rituais foi uma forma de não deixar a cultura se perder. Ainda assim, muitas espécies nativas serviram como substitutas e foram incorporadas a seus cultos (AZEVEDO; BARROS; MATTA, 2014). Com o crescimento populacional e a redução de áreas florestadas, tais plantas são cultivadas nos próprios quintais onde esses cultos são realizados ou são obtidas em estabelecimentos como “casas de folhas”, feiras livres ou mesmo em áreas ruderais. As espécies utilizadas em rituais afro-brasileiros também sofreram forte influência ameríndia e europeia, de tal forma que à medida que os africanos foram se fixando em novas regiões do país, desprovidos das mesmas,





encontraram uma série de outras espécies que incorporam aos seus costumes (CAMARGO, 1988, PIRES et al., 2009).

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o processo de invasão biológica por plantas exóticas e ritualísticas no Vale do Córrego dos Colibris e a relação entre o uso da mata por populações humanas.

MATERIAIS E MÉTODOS

O Vale do Córrego dos Colibris (22°57'05,5"S – 43°01'23,0"W) está localizado no bairro Itaipu, na Região Oceânica do município de Niterói, RJ. Está inserido no Parque Estadual da Serra da Tiririca, sendo um fragmento de Mata Atlântica constituído pela Floresta Ombrófila Densa Submontana e de Terras Baixas com alguns trechos de afloramento rochoso exposto. As espécies exóticas e ritualísticas foram mapeadas no Vale do Córrego dos Colibris, com o uso do método de interseção de linha (CANFIELD, 1941), onde foram estabelecidas cinco linhas que variaram de 150 a 200 m, estendidas a partir da borda da floresta em direção ao interior desta, sendo essas distanciadas em 20 m paralelamente. Ao longo da linha foram anotadas a presença e a área ocupadas por espécies exóticas e nativas relacionadas aos cultos de matriz africana, bem como aquelas de uso ornamental descartadas por moradores dos arredores. As espécies herbáceas foram analisadas como um único indivíduo, sendo mensurado o tamanho total ocupado pelas mesmas. Já para as espécies arbóreo-arbustivas considerou-se a largura total da copa, de uma ponta a outra. Com as medidas de cada indivíduo, foram calculados os parâmetros fitossociológicos de Dominância Relativa (DR), Frequência (F), Frequência Absoluta (FA), Frequência Relativa (FR) e Valor de Importância (IVI) com auxílio do programa Excel (2010), (BROWER; ZAR, 1984).

RESULTADO/DISCUSSÃO

O levantamento de plantas exóticas e ritualísticas ao longo do Vale do Córrego dos Colibris resultou na presença de 26 espécies, pertencentes a 17 famílias e 23 gêneros. O hábito mais representativo foi erva (9 spp.), seguido de arbusto e árvore (7 spp. cada), hemiepífita (2 spp.) e trepadeira (1 spp.). A forma de utilização predominante é a ornamental (64%), seguidas daquelas com uso ritualístico (44%) e na alimentação (32%). Há uma predominância de espécies nativas do Brasil (42%), seguidas daquelas provenientes da Ásia (21%), América Central (17%), África (12%), Oceania (4%) e América do Norte (4%). Dentre as dez espécies com maior índice de valor de importância (IVI) destacam-se *Guarea guidonia* (L.) Sleumer (ritualística), *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl. (ornamental), *Artocarpus heterophyllus* Lam. (alimentícia, ritualística), *Tradescantia zebrina* Bosse (ornamental), *Musa X paradisiaca* L. (alimentícia), *Heliconia episcopalis* Vell. (ornamental), *Mangifera indica* L. (alimentícia,





ritualística), *Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott (ritualística), *Heliconia spathocircinata* Aristeg. (ornamental) e *Syngonium podophyllum* Schott. (ornamental).

CONCLUSÃO

A presença dessas plantas exóticas representa um registro histórico do uso feito pelo homem neste território, incluindo aquelas alimentícias, ornamentais e ritualísticas. Observa-se que algumas espécies estão em processo de invasão biológica como *E. pinnatum*, *A. heterophyllum*, *T. zebrina* e *S. podophyllum*, devido ao seu uso ornamental. Foi observado em campo propágulos dessas plantas dos quais foram descartados por moradores na área florestada na unidade de conservação. *G. guidonia*, embora tenha apresentado maior IVI, é uma espécie nativa da Mata Atlântica e oportunista, sendo indicadora de áreas perturbadas devido ação antrópica. As espécies aqui apresentadas têm importante simbolismo para os grupos de Candomblé e Umbanda que ressignificaram esse local como um território sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, V. A. M.; BARROS, A. A. M.; MATTA, R. R. O candomblé e o uso dos recursos ambientais como forma de cultivar os Orixás. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES, 3. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2014. 12 p.
- BROWER, J. E.; ZAR, J. H. **Field and laboratory methods for general ecology**. Dubuque, Iowa: WmC. Brown Publ., 1984. 226 p.
- CAMARGO, M. T. L. **Plantas medicinais e de rituais afrobrasileiros**. São Paulo: ALMED, 1988. 97 p.
- CANFIELD, R. Application of line interception in sampling range vegetation. **Journal of Forestry**, v. 39, n. 5, p. 388-394. 1941.
- PIRES, M. V.; ABREU, P. P.; SOARES, C. S.; SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D. C.; ROCHA, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Brazilian Journal of Biosciences**, v. 7, n. 1, p. 3-8. 2009.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978. 288 p.